

GENTE-ADORNO: ESTÉTICAS AGENTIVAS E ONTOLOGIAS RELACIONAIS NO UNIVERSO AMERÍNDIO

ELS LAGROU

(Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ)

No Museu do quai Branly, em Paris, guarda-se um artefato histórico, registro do encontro entre os primeiros viajantes e os Tupinambá que habitavam as costas brasileiras: um manto tupinambá, feito com as penas do íbis vermelho, com um capucho em cuja extremidade se encontra uma faixa de contas de vidro brancas e azuis. Todos os ingredientes do manto, inclusive o fio de fibra com o qual as contas foram costuradas na borda do capucho, foram datadas com rádio carbono como sendo da primeira metade do século XVI. O manto se torna assim um testemunho do fascínio mútuo de ameríndios e europeus pelos enfeites uns dos outros. Os registros indicam que durante o século XVI seiscentos mantos saíram das costas brasileiras para a Europa. Destes somente 7 sobrevivem até hoje. O manto do quai Branly é o único com capucho e contas. O gosto dos povos ameríndios pelas contas de vidro foi registrado desde Cristóvão Colombo quando descobriu as Américas, passando por Jean de Léry que, em 1555, descreve as mulheres Tupinambá como fissuradas pelas contas de vidro trazidas pelos Franceses, aos dias de hoje em que presenciamos entre muitas etnias uma verdadeira miçanguização dos adornos, levando simultaneamente a uma atualização e expressiva inovação estéticas. Na visão dos Europeus, os Ameríndios andavam nus. A maioria das populações nativas destas terras, no entanto, se considera, antes, como 'gente-adorno'. A importância do adorno na fabricação ou no surgimento dos diferentes coletivos étnicos é atestada em grande número de mitos: cada etnia se reconhece pelos adornos que usa. E estes adornos os distinguem tanto de outras etnias quanto de outros seres como os animais, que, do seu próprio ponto de vista, possuem seus próprios adornos. No tempo mítico ameríndio, todos os seres partilhavam uma condição humana e formas físicas indefinidas ou fluidas. Este tempo de instabilidade dos corpos chegou ao fim quando a diferença entre os corpos se tornou fixa. Entre os povos Tukano, por exemplo, os humanos se diferenciaram dos peixes ao colocarem seus enfeites e cocares de penas e saírem do rio para viverem na terra. Os Mbya Guarani se autodenominam 'jeguakava': os belamente adornados, a exemplo de Ñanderu, o ancestral, que engendrou seu próprio corpo como adorno. Poderíamos multiplicar os exemplos. Vemos assim que o fascínio pelas contas do além-mar vai além de um gosto pelo exótico como se este fosse

autoexplicativo. O que temos que entender é o que significava para os Ameríndios essa abertura para o outro e para as contas que trazia para trocar. Leituras diferentes do poder patogênico ou curativo destas contas podem ser encontradas nas diversas mitologias de origem da miçanga e de sua relação com a chegada dos brancos. Se o mito fundador da nossa tradição judaico-cristã nos oferece o homem nu, a vergonha e a necessidade de se cobrir, os mitos fundadores ameríndios nos oferecem diferentes coletivos de gente-adorno conectados entre si através dos seus enfeites.